



**PADRÕES FILOSÓFICOS, RELIGIOSOS E ESPIRITUAIS APRESENTADOS POR
DUAS PROFESSORAS COM CARACTERÍSTICAS MAIS FORTEMENTE
RESILIENTES E MENOS RESILIENTES**

Ana Lúcia Leal¹
Ferdinand Röhr²

RESUMO: A observação do comportamento humano nos remete a reconhecer que há pessoas que conseguem enfrentar e superar situações adversas, evidenciando uma dignidade indiscutível e que por um ideal de vida e amor à causa conseguem realizar um intenso processo de transformação e amadurecimento de si mesmo. A capacidade das pessoas manterem-se íntegras e conseguirem superar as adversidades do caminho chama-se resiliência. Na perspectiva da resiliência, a experiência formativa tem como objetivo despertar as potências do humano que habitam em cada um de nós, através de uma visão integral ou multidimensional. Yunes (2003) considera a espiritualidade como um dos processos-chave da resiliência, encarando-a como uma rica oportunidade de crescimento e descoberta interior. Frankl (1991, 2007) acredita que a dimensão espiritual seria o ponto de partida e de chegada para compreensão mais real e total do homem. A presente pesquisa destinou-se a estudar o Padrão Filosófico, Religioso e Espiritual de resiliência apresentado em duas professoras do ensino fundamental I, de um município no litoral norte do Estado de Pernambuco, empregando, como norteadores da discussão, os padrões de resiliência apontados por Polk (1997). Para tanto, utilizamos: questionários, entrevistas (simples, autobiográficas e de autoconfrontação), observações e filmagens de aulas. Os dados indicaram que o Padrão Filosófico, Religioso e Espiritual se manifestou mais claramente na professora com características mais resilientes.

Palavras-Chaves: resiliência, educação, formação humana, espiritualidade.

**PHILOSOPHICAL, RELIGIOUS AND SPIRITUAL PATTERNS
PRESENTED BY TWO TEACHERS WITH MORE HIGHLY RESILIENT
FEATURES AND LESS RESILIENT ONES**

ABSTRACT: By observing human behavior we are led to recognize that there are people who are able to face and overcome adverse circumstances demonstrating an indisputable dignity. At the same time they are motivated by a goal in life which is supported by thorough commitment and love for its causes that enables them to manage and accomplish an intense process of self transformation and maturation. The ability of behaving with integrity when overcoming adverse circumstances in the paths of life is called resilience. Through the lens of resilience, human development processes aims to awaken humanistic potentialities within each one of us through an integral or multidimensional perspective. Yunes (2003) considers spirituality as one of the key-processes of resilience and a rich opportunity of growing and

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/Centro Acadêmico do Agreste – CAA/Núcleo de Formação Docente – NFD. E-mail: analealchaves@yahoo.com.br;

² Dr. phil. pela RWTH Aachen, Alemanha, prof. Titular do Depto. Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação – UFPE, Coordenador do núcleo Educação e Espiritualidade do PPGE/UFPE. E-mail: ferdinan@elogica.com.br.



self discovery. Frankl (1991, 2007) believes that the spiritual dimension would be the starting and ending point to a more real and integral comprehension of man. The current research aims to study the Philosophical, Religious and Spiritual patterns of resilience among two teachers of a primary school from a municipality in the north coast of the State of Pernambuco. These discussions were guided by the resilience patterns pointed by Polk (1997). For that, it was used the following research instruments: questionnaires, interviews (simple, autobiographical and self-confrontation), observations and recording of classes. The findings of this research indicated that the Philosophical, Religious and Spiritual standards manifested more clearly by the teacher that presented stronger resilient characteristics.

Keywords: resilience, education, human development, spirituality.



1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho representa um recorte de tese de Doutorado que pesquisou sobre a resiliência em Professores. Interpretada como um “dom”, valorizada por todos os cidadãos e assumida pela sociedade como uma atividade pública, a atividade de ensino, com o predomínio e expansão das relações capitalistas dos últimos tempos, parece ter perdido o seu valor social (SINPRO, 2006). Muito mais do que favorecer e/ou estimular o desenvolvimento cognitivo dos alunos, para nós, uma missão efetivamente educacional é quando o educador, em sua inteireza, assume o compromisso com a formação humana de seus educandos.

Perante as situações adversas com que muitos professores brasileiros se deparam, como por exemplo: baixo salário, salas numerosas, intenso desgaste vocal, ausência de funcionários e de material pedagógico de apoio, conflitos e intrigas criados por colegas de trabalho, salas de aula quentes, pouco iluminadas, situadas em locais inadequados (algumas até com faltas de mesas e cadeiras), podemos concluir que nem sempre a tarefa educacional será fácil.

Mesmo assolados pela vontade de desistir, ainda assim alguns professores não desistem, apesar de tudo. Eles mostram uma integridade intrínseca, um desejo legítimo de fazer bem o seu ofício, por um ideal de vida, por amor à sua profissão. Conhecer a si mesmo, acolher o diferente e suplantar os desafios, neste sentido, tornaram-se práticas cada vez mais difíceis e não menos necessárias, demandando flexibilidade e criatividade.

Para Poletti e Dobbs (2007) há mais de quarenta anos esta ciência tem se interrogado sobre o fato de que certas pessoas têm a capacidade de superar as piores situações, enquanto outras ficam aprisionadas na infelicidade e na angústia, presos nas teias da tristeza que se abatem sobre elas. A capacidade das pessoas manterem-se íntegras, apesar das adversidades do caminho, chama-se resiliência (ANTUNES, 2007; COSTA, 1995; CYRULNIK, 2004; POLETTI, DOBBS, 2007; TISSERON, 2007).

Historicamente falando, a noção de resiliência vem sendo utilizada há muito tempo pela Física e Engenharia, sendo um de seus precursores o cientista inglês Thomas Young. Em 1807, ele descreveu experimentos sobre tensão e compressão de barras, buscando a relação entre a força que era aplicada num corpo e a deformação que essa força produzia.

Segundo Timoshenko (1953 *apud* BRANDÃO, 2009), nesta obra, Young fala de resiliência ao apresentar uma discussão sobre fraturas de corpos elásticos produzidas por



impacto. Ao que parece, no entanto, o significado de resiliência para esse pesquisador não é o mesmo dos dias atuais, embora guarde semelhanças. Em determinado momento de seu texto, Young diz: “[...] o poder de resistir a um movimento muito rápido, o qual eu, em outra ocasião, arrisquei chamar resiliência” (p. 98).

Para Flach (1991), atribui-se o uso do termo em 1966, visando descrever as características psicológicas e biológicas exigidas para atravessar com êxito as mudanças na vida. Em Psicologia, o estudo da resiliência é relativamente recente, sendo pesquisado há pouco mais de vinte anos. Para Yunes e Szymanski (2001, p. 16), “a psicologia, na verdade, apropriou-se de um conceito construído dentro de um modelo matemático e há de haver cautela para que não ocorram comparações indevidas”.

Não há como comparar a resiliência de materiais com a resiliência como um processo psicológico, até porque o conceito de deformação em Física e em Psicologia são incomparáveis. A resiliência, para a psicologia, em algumas de suas conceituações, envolve algo além do retorno ao que se era antes, pois abrange um crescimento a partir da superação da pressão.

Discutindo a resiliência e processos de superação, podemos mencionar alguns conceitos e abordagens teóricas do passado que já lançavam luz sobre tais processos. Podemos citar, como conceitos que se associam à capacidade de superação, a tendência à transcendência e a busca de sentido, da escola logoterápica de Viktor Frankl (1991, 2005, 2007).

Viktor Frankl é considerado o “pai” dos estudos sobre resiliência. O que ele desejava saber era como era possível dizer “sim” à vida, apesar de todos os aspectos trágicos da existência humana. A isso ele chamou de “otimismo trágico”. Ou seja, espera-se que um certo “otimismo” com relação ao futuro possa brotar das lições retiradas de nosso “trágico” passado. A pessoa pode ser mais forte que seu destino exterior (FRANKL, 1991). Sempre, e em toda parte, o ser humano está colocado diante da decisão de transformar a sua situação de mero sofrimento numa realização interior de valores. Podem-se citar os doentes, particularmente os incuráveis. Espera-se que as pessoas possuidoras de características mais resilientes apresentem uma maior tolerância ao infortúnio do que aquelas dotadas de características menos resilientes.



Para Frankl (2007), a totalidade do humano estaria na integração bio-psico-espiritual e o seu sentido existencial se concretiza em suas múltiplas dimensões. Em cada uma delas, o indivíduo necessita aprender a amar, a conhecer, a fazer, a viver juntos, aprender a ser, a crer e a adaptar-se de acordo com as circunstâncias, expandindo sua consciência rumo à inteireza, dando-lhe sentido e, conseqüentemente, promovendo a qualidade de vida. O contato com nossa essência, com nossos valores mais íntimos, em suma, com nossa espiritualidade, está presente em indivíduos dotados de mais características resilientes e, por este motivo, detalharemos um pouco mais a nossa concepção a respeito.

O objetivo do presente artigo é estudar o Padrão Filosófico, Religioso e Espiritual de resiliência apresentado por duas professoras, a que apresentou mais característica de resiliência e a que demonstrou menos características da amostra, empregando, como norteadores da discussão, os padrões de resiliência apontados por Polk (1997). Ambas são docentes do ensino fundamental I, de um município no litoral norte do Estado de Pernambuco.

O trabalho será apresentado da seguinte maneira: inicialmente iremos expor a metodologia utilizada na pesquisa, depois selecionaremos os recortes mais significativos da história de vida da professora que demonstrou mais características de resiliência e da que apresentou menos características. Por fim, realizaremos uma análise dos Padrões Filosóficos, Religiosos e Espirituais apresentados pelas mesmas.

2 METODOLOGIA

Apesar do número elevado de publicações sobre resiliência, pouco ainda se conhece sobre o tema. Para tratar do fenômeno, o pesquisador necessita reconhecer possíveis recursos metodológicos que possam favorecer novas descobertas e ampliar as possibilidades de informações (YUNES, 2001; YUNES; GARCIA; ALBUQUERQUE, 2007).

O nosso estudo está caracterizado por um enfoque fenomenológico e situa-se no campo da pesquisa quantitativo-qualitativa, enfocando o que se apresenta como significativo ou relevante em dado contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem, sempre comprometidas com a inserção da dimensão técnica em um todo maior que lhe fornece um sentido.



Para realização desta pesquisa utilizamos os seguintes instrumentos: questionário, observação das aulas, videografia, método autobiográfico e entrevista de autoconfrontação.

Inicialmente aplicamos um questionário adaptado com 28 sentenças baseado em vários estudos (POLK, 1997; JOB, 2003; BARBOSA, 2006; ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006), com o objetivo de identificar sujeitos dotados de mais características resilientes, bem como aqueles que estivessem mais distanciados. As respostas possíveis que funcionaram como indicadores de resiliência foram: *nunca*, *algumas vezes*, *quase sempre* e *sempre*. O material obtido foi explorado nas etapas seguintes.

Observamos as aulas de cada professora durante dois dias, uma vez por semana. O tempo de observação variou de 1 hora e 45 minutos até 2 horas e 20 minutos.

Com a filmagem das aulas, o nosso objetivo era, dentre outras coisas, comparar se as respostas fornecidas nos questionários e entrevistas correspondiam ao apresentado em situações práticas do dia-a-dia. Nestas ocasiões estávamos atentos à existência ou não de posturas com características mais ou menos resilientes.

A partir da análise das respostas obtidas, foi possível checar possíveis influências da história de vida em sua formação humana e a interferência dessas questões na construção de estratégias de superação das adversidades.

Na ocasião das entrevistas de autoconfrontação as professoras tiveram a oportunidade de observar as imagens de sua atuação profissional durante as suas aulas, registrada em nossas filmagens. Realizar este tipo de entrevista representou, para nós, uma rica experiência, porque tivemos a oportunidade de checar algumas de nossas impressões, além de observar como as professoras reagiam frente aos recortes de suas filmagens, nem sempre confortáveis, portanto, como reagiam frente às situações adversas, aspecto este muito pertinente a qualquer pesquisa que aborde o tema da resiliência.

Ao longo de nossa pesquisa sentimos a necessidade de conhecermos melhor as nossas participantes, gerando, sempre com plasticidade, uma ideia sobre quem de fato seriam. Desejávamos saber como as suas histórias de vida poderiam ou não ter se articulado com o tema de nossa pesquisa: a resiliência. Objetivávamos conhecê-las mais, ao mesmo tempo em que nos deixávamos interrogar por suas narrativas, escutando-nos mutuamente. E foi assim que o método autobiográfico se apresentou como uma necessidade imperiosa.



Apesar de existir há muito tempo, o método autobiográfico tornou-se nas últimas décadas um “achado metodológico”, pois coloca o sujeito na centralidade do seu processo de formação e aprendizagem. Barreneche-Corrales (2008) menciona que o estudo de uma vida é o estudo de uma viagem no tempo, viagem esta empiricamente imprevisível. Ainda que seu percurso possa ser determinado pela sociedade e pela cultura, os acontecimentos são em grande parte imprevisíveis.

Com base na perspectiva de Marie-Christine Josso (2004), as vivências, quando narradas, transformam-se em experiências, o que provoca a consciência das escolhas e decisões. “A narrativa de formação obriga também a um balanço contábil do que é que se fez nos dias, meses e anos relatados, ela nos permite tomar consciência da fragilidade das intencionalidades e da inconstância dos nossos desejos” (p. 45). Pontua como as histórias de vida tocam as fronteiras do racional e do imaginário, uma vez que levam “o indivíduo a compor uma visão imaginária de si mesmo” (p. 263).

As entrevistas foram realizadas, assim como as demais, individualmente e sem tempo predefinido. Decidimos que só a realizaríamos mais próximo ao término de nossa coleta, depois que conquistássemos uma maior confiança e intimidade com as professoras.

Instigamos uma volta ao passado, solicitando que falassem sobre suas vidas, desde a mais tenra idade; questionamos sobre o que consideravam que de suas vidas permaneciam até os dias atuais; focalizamos uma possível relação entre resiliência e espiritualidade.

Como já dissemos, todos os instrumentos metodológicos utilizados voltaram-se à análise dos Padrões de Resiliência Disposicionais, Relacionais, Situacionais, bem como Filosóficos e Religiosos (POLK, 1997). No presente trabalho, contudo, apenas discutiremos os achados do Padrão Filosófico, Religioso e Espiritual³.

De antemão mencionamos que não estabelecemos previamente critérios rígidos que pudessem caracterizar a resiliência. Neste sentido, não encaramos a manifestação da resiliência de modo permanente, fixo, estático, como se as pessoas sempre tivessem uma mesma capacidade de enfrentamento e superação e que essa capacidade não variasse de acordo com as circunstâncias enfrentadas. Concordamos com Junqueira e Deslandes (2003) quando propõem que “não podemos falar de indivíduos resilientes, mas de uma capacidade do

³ Este último acrescentado por nós.



sujeito de, em determinados momentos e de acordo com as circunstâncias, lidar com a adversidade, não sucumbindo a ela” (p. 229).

3 RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO

De acordo com a análise realizada do questionário podemos referir que todos os 17 professores participantes da pesquisa foram, coincidentemente, do sexo feminino. Por este motivo, a partir de agora, nos referiremos de acordo com este gênero.

O nível de resiliência predominantemente encontrado foi o de média-alta, com 14 (catorze) professoras nessa faixa (82%) e apenas três (18%) demonstrando características de uma resiliência considerada alta.

A seguir, apresentaremos alguns recortes da história de vida das duas professoras que demonstraram mais características de resiliência (chamada por nós de Laura) e a menos resiliente da amostra (chamada de Isadora)⁴, que mais estiveram relacionados à temática do presente artigo. Posteriormente, apresentaremos os resultados, de acordo com os Padrões de Resiliência Filosóficos, Religiosos (POLK, 1997) e Espirituais.

3.1 Histórias de Vidas: Alguns Recortes

Antes de mais nada destacamos que, em nosso estudo, a resiliência não esteve relacionada à idade ou à experiência profissional, pois tanto a professora dotada de mais características de resiliência (Laura) quanto a de menos características (Isadora), eram as mais velhas e com maiores tempos de atuação profissional do grupo.

Alguns recortes das histórias de vida das professoras serão apresentados abaixo:

Laura – a professora que apresentou mais características resilientes

Sua história de vida é emocionante. Deparamo-nos com uma mulher batalhadora, que demonstrava uma conduta fortemente resiliente. Extremamente sofrida, inundada por

⁴ Esses nomes foram criados para mantermos a privacidade das professoras.



dificuldades e privações de todas as ordens (afetivas e materiais), superou paulatinamente muitos obstáculos de modo contumaz.

Possui 49 anos, é casada, mãe de duas filhas, avó de uma menina. Apresenta 21 anos de atuação profissional. É a segunda filha de uma prole de 13 filhos. Moravam 16 pessoas em uma casa de um cômodo só (além dos 13 filhos, havia o pai, a mãe e a avó materna) (recorte 1).

Recorte 1

Laura: *Minha mãe teve dezoito filhos e treze se criaram. [...] Só o meu pai trabalhava. Ele era pedreiro, ganhava pouquíssimo. [...] Imagina, você fazer feira para dezesseis pessoas [...] Era o quarto de meu pai e de minha mãe e aí se espalhavam o resto dos filhos [...], eu detestava aquela vida.*

Laura demonstrava um imenso carinho ao falar de sua avó. Apesar de fazer mais de 20 anos de seu falecimento, o afeto ainda se manifesta de modo evidente. Para Cyrulnik (2004), um dos fatores que mais favorece a resiliência é o apoio e o acolhimento pelos membros da rede pessoal e social, funcionando como “tutores de resiliência”. Acreditamos que a avó de Laura era a sua tutora de resiliência, pois era ela quem a cercava de amor, carinho e atenção (recorte 2).

Recorte 2

Laura: *A minha avó foi muito importante na minha vida [...]. Minha grande referência, lições de vida, aprendizagem [...]. Ninguém ia à escola saber como é que a gente estava, só a minha avó. [...] À noite ela sentava com todos nós e contava histórias. [...] As histórias tinham encanto, a voz era mansa.*

Ela sentia falta do afeto de seus pais. Em uma dada ocasião comentou, com certa dose de humor, que ela e seus irmãos eram “iguais à batata”, criados de qualquer jeito.

A sua luta justificava-se para obter uma situação mais confortável não apenas para si mesma, mas também para sua família, o que Víktor Frankl (2005, 2007) chamaria de autotranscendência. Quanto mais a pessoa esquecer-se de si mesma mais humana seria e mais se realizaria e percebemos claramente a satisfação de Laura ao falar sobre a ajuda que pôde dar, quando começou a trabalhar, à sua família (recorte 3).



Recorte 3

Laura: [...] *Eu dei a minha mãe (o 1º salário) para que ela fosse comprar roupa para mim e para meus irmãos. [...] eu dei para minha mãe dar entrada em uma geladeira, uma televisão e um liquidificador. [...] Todo mundo ia assistir televisão lá em casa. De noite era uma festa e eu feliz da vida.*

Laura mencionou a existência de episódios de agressividade física em sua família, desde a infância e da relação difícil com o pai (recorte 4).

Recorte 4

Laura: *Minha mãe me dava umas tapas porque eu era muito danada, agora o meu pai, não. Meu pai batia muito na minha irmã. [...] Por conta da gente, ele brigava com minha mãe (se emociona). [...] Ele tem 76 anos, mas a ignorância é a mesma. [...] Ele não aceita que a gente não concorde com ele.*

Laura também sofreu uma grande decepção amorosa. Faltando um mês para o seu casamento, quando revelou ao noivo que estava grávida, ele rompeu o relacionamento (recorte 5).

Recorte 5

Laura: [...] *A gente já estava com casa pronta, com convite na rua e ele desistiu de casar quando eu disse que estava grávida. [...] Eu tinha vinte anos. [...] foi outro golpe na minha vida, mais um [...].*

Seu pai não aceitou a situação e a rejeitou, assim como a neta (recorte 6).

Recorte 6

Laura: *O meu pai me botou para fora de casa. [...] Quando eu tive a minha filha, o meu pai disse que eu deveria deixá-la na maternidade, porque “de homem safado não se cria filho”. [...] ele mandou me buscar (depois que sua mãe insistiu muito). [...] Quando eu cheguei da maternidade com a minha filha, linda, bem gordinha, minha mãe foi mostrá-la e ele*



não a olhou. [...] Eu fiquei triste na hora, mas eu tinha a minha filha, eu tinha que me preocupar com ela, era o sentido da minha vida.

Como vimos, grande parte da força de Laura pareceu manifestar-se por causa de sua filha, considerada o sentido de sua vida. O próximo recorte reforça esse pensamento (recorte 7).

Recorte 7

Laura: *Se eu já trabalhava, se eu já queria mudar de vida, aí foi que a vontade de superar tudo se multiplicou. Eu tinha que estudar, eu tinha que trabalhar, porque agora a minha filha só tinha a mim [...].*

Laura seguiu obstinadamente em busca por melhorias em sua condição de vida. Quando concluiu o curso de Contabilidade, por não ter conseguido emprego na área, decidiu que faria magistério e começou a trabalhar no ramo da educação. Posteriormente foi convidada pelo então prefeito do município que morava para assumir um cargo na Secretaria de Saúde (na área de Contabilidade).

Enquanto trabalhava na Secretaria de Saúde, determinada e otimista, decidiu que faria vestibular para Pedagogia em uma faculdade particular, mas não tinha condições financeiras para pagá-la (recorte 8).

Recorte 8

Laura: *[...] A mensalidade era maior que meu salário. Mas eu disse: “eu vou me inscrever no crédito educativo e vou conseguir.” [...] Levava-se a carteira de trabalho e os registros dos irmãos e eu levei o dos treze. [...] ela (a assistente social) chegou e disse: “Qual é a profissão de seu pai?” e eu disse: “Está aqui na carteira dele: Pedreiro”. [...] Ela disse assim: “Como é que vocês vivem?” e eu disse: “Com as graças de Deus”. Ela nem me perguntou mais nada, aprovou e pronto. Numa turma de sessenta alunos eu fui a única com o crédito aprovado. E terminei a minha faculdade [...].*



Laura teve depressão, segundo ela, pelo fato de ter que retornar à sala de aula. Em função da depressão, desenvolveu uma tuberculose pleural e quase morreu. Ter superado essa doença fez com que passasse a agir de modo diferente diante da vida (recorte 9).

Recorte 9

Laura: *Foi no período que eu me afastei da Secretaria da Saúde e vim para a Educação e aí entrei em depressão profunda. Com a Depressão veio uma tuberculose pleural e eu quase morri. [...] a fé em Deus foi tamanha [...], o apoio da minha família, dos amigos do centro (espírita) foi onde eu encontrei forças, porque eu me vi no “fundo do poço”⁵ e se eu não tivesse encontrado esse apoio eu tinha ficado lá. [...] aquilo (a doença) fez com que eu crescesse, com que eu valorizasse mais as pessoas, a minha família. Há coisas tão pequenas que a gente pode fazer e não faz. É de você passar o dia com seu filho, de conversar com sua filha, de você rir.*

Laura mencionou a descoberta da gravidez de sua filha e nascimento de sua neta como um momento significativo que a fortaleceu e representou a sua grande motivação para lutar por sua vida e superar a enfermidade (recorte 10).

Recorte 10

Laura: *quando o meu genro disse: “Eu vou lhe dar uma notícia, que a senhora vai ficar boa logo: S. está grávida. (falando muito emocionada sobre a neta) [...] ela veio para que eu tivesse força, porque se não fosse ela [...] Eu me lembro que no dia que a minha filha foi para a maternidade eu ainda estava muito debilitada, mas eu estava lá, lutando para sobreviver, para ver a minha neta nascer [...].*

A determinação que Laura demonstra em todas as esferas de sua vida nos faz pensar ser esta uma de suas maiores virtudes. Ela é, sem dúvida, a professora com melhor condição material da amostra, por mérito seu (recorte 11).

Recorte 11

⁵ No sentido de desprovida de opção.



Laura: [...] *Eu tenho os projetos do estado que eu recebo razoável e dá para me manter (ao todo são três). [...] Eu trabalho até aos sábados [...] tudo é sacrificado, mas é feito com muito amor.*

Ao longo de nossos encontros Laura sempre fez referências a Deus. Solicitamos que falasse um pouco sobre sua relação com a espiritualidade. Para ela, a espiritualidade pode se manifestar em qualquer circunstância, não apenas nas práticas religiosas, e que o sentido de sua vida vai além de devotamento a seus familiares, chegando até aos mais necessitados (recorte 12).

Recorte 12

Laura: [...] *Eu não sou fanática, mas há um compromisso muito grande com a religião. [...] ela me ajudou a crescer como pessoa. Tantos estão piores do que eu, sobrevivendo, lutando. [...] Frequento um centro espírita todos os sábados. [...] Eu acho que a espiritualidade a gente vive n o dia-a-dia, não é só trabalhando lá (no centro espírita), [...] é em casa, é estender a mão para quem precisa. Todo dia, quando eu acordo, agradeço a Deus, leio o Evangelho, [...] eu peço aos espíritos de luz que me iluminem. Deus me proporciona calma, tranquilidade [...]. E peço: “Meu Deus me dê saúde e força para que eu possa trabalhar”. [...] A minha missão é ajudar.*

Algumas de suas aulas começaram com os alunos em pé, de mãos dadas, rezando o Pai Nosso e após terminar, se abraçando. Destacamos que o Pai Nosso é uma prece considerada ecumênica, não tendo sido percebido qualquer tipo de indução ou comentário valorizando uma religião específica. Pedimos que Laura falasse sobre a experiência de iniciar as aulas com a prece (recorte 13).

Recorte 13

Laura: [...] *O meu objetivo na prece é acalmá-los e fazê-los entender que a gente tem que ter um referencial, um Deus, independente de religião. [...] Tem vezes que eu esqueço (risos).*

Ao longo dos relatos, Laura não se utilizou das adversidades vividas para criar ao seu redor uma atmosfera de pena, considerando-se uma pessoa feliz (Recorte 14).



Recorte 14

Laura: *Ah não, pelo amor de Deus, não. [...] Não tem do que reclamar. A vida está lhe dando isso, mas você não tem que aceitar, você tem que ir em busca. [...] Hoje eu sou feliz. [...] tenho duas netas lindas, duas filhas maravilhosas, um marido que me compreende. [...] Somos cheios de defeitos, porque somos humanos e estamos aqui para reparar os nossos erros.*

Em nossa presença, foram poucos os momentos em que ela perdeu o controle com os alunos. Apesar de firme, percebemos que ela retornava ao estado de bom humor rapidamente. Há de haver pressão, quando necessário, mas o mais importante é que as pessoas com características fortemente resilientes possuem o discernimento para “agir” no momento certo. Ela dizia mandá-los para casa quando exibiam um comportamento que a desagradava. Nestas situações, eles só poderiam retornar no dia seguinte com os responsáveis (recorte 15).

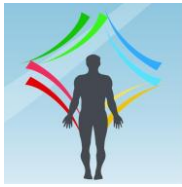
Recorte 15

Laura: *[...] É muito raro eu perder a cabeça. [...] Eu não consigo ficar com raiva (risos). [...] Para mim é horrível quando chega um professor muito sério, que não ri, que só dá bronca a aula inteira. [...] Eu não fico com aluno rebelde que não me obedece em sala de aula, eu boto para casa: “você vai para casa e só vai entrar aqui com seu pai, ou sua mãe, ou o responsável” (ela diz falar para os alunos) [...].*

Ao término da pesquisa, solicitamos que ela falasse sobre como havia sido a experiência de ser observada e de poder se observar em plena atividade de sala de aula. Mais uma vez esboçou humildade e honestidade quando, com muita transparência, assumiu, espontaneamente, o compromisso de buscar a superação dos possíveis entraves em prol de uma prática pedagógica mais eficaz.

Isadora – A professora que apresentou menos características resilientes

Isadora tinha 40 anos, com 22 anos de experiência profissional. Ela demonstrou possuir um bom potencial cognitivo, revelado pelo início precoce de sua vida profissional



(iniciou o magistério com apenas 13 anos), bem como pelas aprovações em concursos públicos, além de inúmeros convites para assumir cargos de confiança na área de gestão da Prefeitura municipal. Dotada de um senso crítico aguçado, possui uma história pessoal dramática, permeada de desilusão e desesperança.

Ela é casada, não teve filhos, é a filha mais velha de uma prole de quatro irmãos. Queixou-se de uma significativa dificuldade financeira vivida com sua família (e até os dias de hoje, com seu esposo), mas a sua carência não nos pareceu apenas de ordem material (recorte 1).

Recorte 1

Isadora: [...] *A gente sempre foi muito carente, brincados, o cuidar, coisas normais que os pais fazem de levar o filho ao dentista, ter um acompanhamento pediátrico, a gente nunca teve isso. Tudo que era feito era como obrigação, sabe? Porque era o filho, “eu vou” [...]. Meu pai era muito rude. E ainda é até hoje.*

Ao perguntarmos como era a relação afetiva com os responsáveis por sua criação, não esboçou nada de significativo em relação à mãe. Em relação ao pai, mencionou ser muito difícil, apesar de considerar que essa situação tem melhorado (recorte 2).

Recorte 2

Isadora: *Com minha mãe, tranquila, com meu pai, horrível. Eu nunca vi essa coisa de cuidar [...] Tudo era feito por obrigação.*

Ela viveu muitas privações em sua infância e adolescência, tendo suas queixas se concentrado, sobretudo, no fracasso financeiro de seu pai. Isadora reconheceu, também, possuir dificuldades nesta direção. Neste sentido, não podemos deixar de identificar semelhanças no funcionamento de Isadora em relação ao seu pai e nos perguntamos se estas confusões financeiras não poderiam estar, inconscientemente, a serviço de repetir a dinâmica do seu pai (recorte 3).

Recorte 3



Isadora: [...] *A gente era pobre, era não, ainda somos. [...] Meu pai sempre foi uma pessoa que nunca conseguiu fazer as coisas renderem. [...] E eu acho que a gente vai tudo nesse embalo (sorri). [...] apesar dos 23 anos trabalhando, eu não consegui ainda ter uma casa própria, é aquela coisa do dinheiro não render. [...] Em todos os sentidos eu paguei a minha língua.*

Parece não ter recebido nenhum apoio da família diante das suas dificuldades. Na falta dos pais, não houve um substituto que pudesse estar presente em sua vida, não tendo um tutor de resiliência

Na adolescência, o relacionamento com o pai agravou-se. Ela dizia não entender a falta de dinheiro na família e não se conformava em ver a sua mãe passar fome para que os filhos pudessem comer. Ao mesmo tempo, acreditava que o pai não se preocupava com a grave situação que eles viviam (recorte 4).

Recorte 4

Isadora: *Na nossa casa acontecia da minha mãe ficar com fome para gente almoçar, a gente tomar café e eu não aceitava (se emociona). Eu não aceitava porque eu achava que ele (o pai) era o culpado. [...] De acordar de madrugada e minha mãe está no sofá da sala chorando (muito emocionada) e ele dormindo (levanta os braços para cima, com ironia).*

Para conseguir dinheiro, logo depois de concluir o magistério, Isadora, aos 16 anos, começou a fazer trabalhos acadêmicos por outros alunos (recorte 5).

Recorte 5

Isadora: *Eu comecei a fazer trabalho para o pessoal da escola, [...] hoje, como educadora, acho isso terrível (risos), mas eu fazia. [...] e por conta desses trabalhos eu saía mais, porque eu ia para Recife para pesquisar. [...] Acho que dos meus 16 aos 21 anos eu fazia isso, porque eu ganhava mais assim do que ensinando no município. [...] e começou a rebeldia. Você faz amigos, você quer sair, você quer passar o fim de semana fora, você quer viajar. [...] Eu era muito pequena (sorriso) e por conta disso ele (o pai): “você não vai sair com fulano” [...] e aí a gente discutia muito. [...] E eu ia. Ia escondida.*



A dificuldade de relacionamento com o seu pai era rotineira. Ela mencionou uma ocasião permeada de agressões físicas, tendo usado até a expressão “espancamento” para caracterizar o episódio (recorte 6).

Recorte 6

Isadora: [...] *Eu saía, quando eu chegava já estava pronto o cipó. “Vamos para dentro do quarto” (o pai falava). [...] Uma vez ele bateu em meu rosto. A gente estava discutindo, por questões de dinheiro e eu já trabalhava. [...] A gente estava discutindo quem pagava o quê dentro de casa e ele: “Eu lhe dei tudo e agora...”, “Você não deu” (ela falou). [...] E ele: “Eu vou bater em você” e eu disse assim: “bata”. [...] Ele voou por cima da mesa, deu um muro em mim e eu cai em cima de um bujão (de gás). [...] Mas eu me levantei e ele disse: “agora diga alguma coisa, que eu vou bater do outro lado”. [...] e eu disse: “Pode bater”. Aí ele, do outro lado (mostrando com os gestos das mãos a agressão sofrida), aí cortou aqui (mostrando o lábio), sangrou [...]. No outro dia, era para ir para escola. Sem problemas, lá ia eu. “O que foi?” (os colegas perguntavam) e eu: “Foi o meu pai que deu em mim”.*

Assim como Laura, quando Isadora começou a trabalhar passou a ajudar nas despesas de casa, inclusive na compra de material escolar para seus irmãos (recorte 7).

Recorte 7

Isadora: *Quando eu comecei a ganhar dinheiro eu tinha que participar das despesas. [...] tinham meus irmãos, estavam todos estudando e mesmo em escola pública tinha o material para comprar. Minha mãe também já estava trabalhando (havia feito concurso público para merendeira de uma escola) e a gente dividia as despesas.*

Ao pedirmos que comentasse o que de sua vida se manteve nos dias atuais e o que mudou, ela apenas considerou que a desesperança permanecia (recorte 8).

Recorte 8

Isadora: *É uma desesperança mesmo. [...] De concreto mesmo, eu não construí nada. [...] Você trabalha, se esforça, então, é uma desesperança mesmo, porque eu não consegui fazer*



muita coisa. [...] é aquela história, “não plantei árvore, não escrevi livro, não tive filhos”. Sabe como é? Eu estou “passando”. Não é um desespero. [...] no desespero ao menos a gente chora e aquilo lhe impulsiona a fazer alguma coisa.

Isadora possui uma vida solitária e mencionou sentir muita falta de amigos, sobretudo nos momentos difíceis. Apesar disso não pareceu movimentar-se para conquistá-los (ou reconquistá-los), (recorte 9).

Recorte 9

Isadora: *[...] Principalmente nos momentos de dor, nos momentos que estão mais aflorados os problemas, eu olho para o lado e para o outro e aí? Eu fico em casa, eu ligo o som (emocionada).*

Ela julgou que os sofrimentos vivenciados a fortaleceram e que deve isso a si mesma. Encontramos, no recorte 10, um dos raros momentos em que relatou uma crença na capacidade de superação das dificuldades.

Recorte 10

Isadora: *[...] Acho que se não me fortalecesse (os momentos difíceis) eu já tinha desabado, morrido ou enlouquecido (emocionada). Talvez até porque eu fico só, aí tenho “eu e eu”. [...] Não tem aquela máxima: “Aquilo que não me mata me fortalece?”*

Perguntamos qual o sentido de sua vida, seus objetivos pessoais. Isadora referiu viver por si mesma, nos parecendo esvaziada de projetos que justificassem a sua existência. Como dissemos em outras ocasiões, Víktor Frankl (1990) considera que todos os indivíduos saudáveis estão em busca de um sentido e que é exatamente isto que ajuda na superação das dificuldades (recorte 11).

Recorte 11

Isadora: *[...] Eu tenho um compromisso comigo mesma e acredito que tenho que fazer o meu melhor enquanto eu estiver aqui. [...] O sentido da minha vida hoje, sinceramente, é não*



morrer (risos). [...] É continuar vivendo, é um dia atrás do outro. [...] Eu não tenho muitas perspectivas [...].

Ao aprofundamos o tema do sentido da vida, questionamos se acreditava que valia à pena viver e ao responder Isadora demonstrou tristeza (recorte 12).

Recorte 12

Isadora: *Para uns vale mais do que para outros. Eu acho que para mim, hoje, “está valendo o que vier”, [...] mas quando você tem um objetivo, está buscando sempre alguma coisa diferente, acho que você vive mais para isso [...] Mas quando você não tem você está praticamente só, vai só passando. [...] Eu estou só passando.*

Ao abordarmos sobre o tema “religião”, comentou não possuir nenhuma, apesar de rezar sempre. Em relação a Deus mencionou acreditar, mas o seu “contato” com Ele a fortalece menos do que esperava. Quando perguntamos onde encontrava forças para enfrentar as suas dificuldades, no âmbito pessoal disse não encontrar. Ao considerar que está “tudo certo” sem estar, nos remeteu a uma desistência e acomodação (recorte 13).

Recorte 13

Isadora: *Não rezo [...], mas eu tenho um contato, uma conversa (com Deus) [...] (Perguntamos se esse “contato” a fortalecia) Menos do que eu esperava, talvez porque eu sou incrédula. (Em relação à obtenção de força) [...] o profissional vem mesmo do trabalho, do resultado que eu quero. [...] Das coisas pessoais, eu acho que já desisti de tudo. Estou vivendo um dia atrás do outro, só vivendo [...]. Não luto mais. Hoje sou um pouco incrédula, das coisas, das pessoas. [...] Das pessoas, principalmente (silêncio).*

Assim como Laura, ela referiu acreditar na sobrevivência do espírito e disse que o fundamental era trabalhar, amar e fazer o bem, incondicionalmente e com cuidado para não errar, porque para ir para o céu, você “tinha que ser da linha”. Ela comentou, no recorte 14, a sua concepção de espiritualidade.

Recorte 14



Isadora: *É você ser bom, é se doar, fazer o melhor que puder, onde tiver, é você assumir suas fraquezas. Independente de igreja, independente do pastor, é você ter essa humildade de “dobrar o joelho”, de orar, ter um foco fora desse mundo, no meu caso, em Deus.*

Diferentemente de Laura, ela não adotava a prece no espaço acadêmico. Mas, em uma dada aula sobre religião, ela instigou seus alunos a refletirem sobre a existência de Deus, sem obrigá-los a concordar com isso (recorte 15).

Recorte 15

Isadora: (silêncio). *Penso que não é necessário. Legal quem faz, mas eu acho que essa questão se passa de outra maneira, contextualizado [...] porque o “rezar” na aula, muitas vezes é mecânico [...]. Para fazer um momento de oração na sala, tinha que ter um trabalho muito antes do “rezar por rezar”. Eu não faria. Eu não faço. [...]O que representa esse momento?*

Perguntamos que palavras poderiam representá-la em uma hipotética apresentação de um livro. Sua resposta reforçou o sentimento de vazio e de desilusão aludido reiteradas vezes (recorte 16).

Recorte 16

Isadora: *“Eu estou aqui, apesar de tudo”. [...] Eu acho que não tem como ficar pior. [...] eu não consigo me desesperar mais, me desesperançar mais. [...] Enfim (emocionada, em silêncio) [...] É como eu disse: “Eu vou passando”. [...] O que vem vindo eu vou absorvendo e pode ser que ao absorver eu continue desesperançada ou quem sabe [...] (silenciou).*

Isadora referiu, após a sua saída da atividade em sala de aula⁶, não ter sentido saudades da antiga rotina, apesar de ter sentido falta das crianças e de seus familiares, mas se ainda estivesse em sala de aula, imaginou que estaria infeliz (recorte 17). Ela comentou que

⁶ No início de nossa coleta, Isadora ainda estava em sala de aula, ensinando na sala especial e na sala regular, por isso participou da seleção para nossa pesquisa. Posteriormente, ela passou a exercer um cargo administrativo comissionado, mas gentilmente ofereceu-se a dar aulas para a mesma turma, para que pudéssemos retomar as nossas observações e mantê-la na pesquisa. Ressaltamos que por assumir este cargo comissionado, o seu salário não aumentou.



estava desistindo de atuar em sala de aula por não haver mais o que fazer, apesar de sempre nos parecer comprometida.

Recorte 17

Isadora: *Sinceramente? Não senti. Sinto saudades dos meninos, da relação que eu tinha com os pais. Mas da sala de aula, dentro da conjuntura em que ela funciona? Nenhuma. [...] se eu estivesse em sala de aula eu estaria sofrendo, porque era só para passar o tempo. A minha opção era trabalhar com esses meninos, com educação especial, mas t-r-a-b-a-l-h-a-r (soletrou) e, vou falar por mim, eu não vejo esse trabalho aqui (ar de riso). Eu vejo aqui um passatempo. [...] Não era mais para eu me chocar com as dificuldades, porque eu trabalho nisso há muito tempo [...] Eu sempre estive envolvida na educação, só que a questão é você olhar para a “pessoa”. Então quando eu vejo que é uma pessoinha ainda e já está desse jeito, eu me choco e ao mesmo tempo me paraliso, porque eu vou fazer o quê? [...] A sensação que eu tenho é de impotência.*

Apesar de todo o comprometimento com as aulas e com os alunos, o mau humor, manifesto em sua irritação e impaciência foi uma constante.

3.2 Análise dos Padrões de Resiliência Filosóficos, Religiosos e Espirituais

A seguir realizaremos uma análise do funcionamento demonstrado por duas professoras, no que diz respeito aos Padrões de Resiliência Filosóficos, Religiosos e Espirituais. Segundo Polk (1997), os Padrões Filosóficos e Religiosos estão formados pelo sentido da vida, pelo nível de otimismo e pela existência de crenças. Acrescentamos uma reflexão sobre espiritualidade, por entendermos a importância desta dimensão para a concepção de integralidade do humano.

Sentido da Vida

A busca da verdade parte do reconhecimento de que há sentido na existência, na história, no mundo. Mais ainda, do reconhecimento de que há sentido, sentidos e mais sentido



(REZENDE, 1990). Para Víktor Frankl (1990, 1991, 2005, 2007), como já expressei, a busca de sentido é a primeira força da vida, acreditando que as pessoas que não possuem objetivos, em geral, “não sobrevivem” em situações adversas. O sentido da vida não é resultado de um individualismo egoísta, mas de um processo de construção que se dá no contexto social, no contato do homem com seus semelhantes.

O desejo de sentido seria não apenas uma manifestação natural da humanidade, mas também um indício de saúde mental. A falta de significado e de objetividade existencial seria sugestivo de uma incapacidade emotiva de adaptação ao ambiente. Resultaria de um processo de construção que se dá no contexto social, no contato do homem com seus semelhantes.

Frankl (1991) acredita que podemos descobrir um sentido na vida, mesmo quando nos vemos numa situação sem esperança, mesmo quando enfrentamos um destino que não pode ser mudado. Ele descreve o destino como pertencente ao homem, comparando-o, de forma metafórica, ao chão que pisamos, colocando que a vida potencialmente teria sentido, mesmo nas mais difíceis, verificando que a falta de êxito não significa falta de sentido. O que importaria seria tirar o melhor de cada situação. Ao abordamos o sentido da vida, aproveitamos para questionar as professoras sobre felicidade.

Laura verbalizou que a sua vida tinha sentido, fazendo constantemente referência às suas filhas e neta, mas também às outras pessoas, muitas delas desconhecidas. Como já mencionado, ela trabalha como voluntária em um centro espírita.

O trabalho voluntário certamente favorece um ótimo aprendizado, na medida em que observam pessoas em situações piores que as suas e mesmo assim ainda são capazes de sorrir. Flach (1991) ao caracterizar o resiliente como alguém que possui habilidade para reconhecer e perceber o sentido da dor, tolerando-a até a resolução construtiva dos conflitos.

Isadora mencionou que o sentido de sua vida seria “não morrer”, acrescentando ser mais infeliz do que feliz. Para Frankl (1991, 2005, 2007), o quanto vale à pena viver é o que faz com que se consiga viver com disposição e coragem para enfrentar as dificuldades, assumindo posturas resilientes. A ausência de sentido seria compatível a neurose noogênica. Estes resultados são compatíveis, portanto, com a sua condição de possuidora de menos características resilientes do grupo. Apesar do seu desânimo, de só estar vivendo um dia após o outro, disse acreditar que quando se tem um objetivo na vida, tudo passa a ter mais sentido.



Acreditamos que as pessoas dotadas de características fortemente resilientes normalmente encontram forças para superar as dificuldades em alguma coisa, em alguém, em alguma causa. Frankl (2005, 2007) já havia nos falado que a existência depende da capacidade de transcender o próprio eu, com o ser humano endereçando-se a algo, para um sentido a realizar ou para outro ser humano.

Podemos concluir que o sentido da vida verbalizado por Laura referiu-se não apenas à sua realização pessoal e de sua família, mas também à possibilidade de auxiliar o próximo. A professora dotada de menos características resilientes, Isadora, verbalizou de modo desolador a sua ausência de sentido.

Otimismo

Barbosa (2006) considera o otimismo um indicador importante, pois os mais resilientes têm firme convicção de que as situações irão modificar de forma positiva, quando envolvidas em adversidades, mantendo a firme esperança de um futuro melhor.

Constatamos em *Laura* a existência de um elevado nível de otimismo. Ela sempre acreditava que as situações iriam melhorar. *Isadora* frequentemente demonstrou pessimismo e desolação, parecendo paralisada no sofrimento.

Seu desânimo contaminou sua vida profissional⁷. Como diria Röhr (2007), sem um constante esforço do educador de não só conhecer teoricamente as forças contrárias, nas situações concretas do dia-a-dia, sem a luta pessoal constante de superar essas forças na sua própria vida, o educador não vai se relacionar de forma educativa com as potencialidades humanas dos seus educandos. Ou vai sucumbir num otimismo ilusório, compensando a suposta decadência e impotência própria com a fé de que a nova geração poderia fazer tudo diferente e melhor, ou, no caso de Isadora, mergulhar num pessimismo sombrio, projetando o próprio desespero diante dos obstáculos aparentemente insuperáveis.

Em relação ao otimismo, pareceu-nos claro considerar que se manifestou mais evidente na professora dotada de mais características resilientes, em Laura.

Existência de crenças

⁷ [...] tem “n” coisas que precisam ser feitas e eu, sozinha, para fazer tudo? [...] E aí eu fui desistindo. [...] hoje eu estou entregando os pontos em relação ao trabalho de Educação Especial do Município.



Poletti e Dobbs (2007) consideram que as pessoas com mais características resilientes possuem convicções que diferem entre si. Em nossa discussão, em alguns momentos utilizaremos a palavra “crença”, no sentido de “fé”, compreendida não apenas em relação a Deus, mas também em relação à vida e/ou aos seres humanos de modo geral.

Para Bartolomei (2008), a fé é entendida como sinônimo de confiança. “Nos momentos de tormenta, abatimento, fracassos, é preciso confiar em alguma coisa que esteja além dos limites do determinado, do objetivo” (p. 54).

Nas palavras de Tillich (2001), a fé é um estado em que somos possuídos por algo que nos toca incondicionalmente, integralmente, sentido, manifestado e realizado no âmago de nossa vida pessoal; é o ato mais íntimo e global do ser humano. Para Pereira (2003), a fé se constitui em atributo essencial à existência. Está ligada à realidade psicológica do ser que crê, pois envolve sentimentos, emoções, vontades, atitudes e demais aspectos da personalidade, sendo um fenômeno estritamente individual.

Laura considerou sempre ter fé e que havia uma força maior que a ajudava a seguir adiante. Foram muitos os momentos em que ela demonstrou possuir crenças. Lembremos quando mencionou ter conseguido superar o seu problema de saúde em virtude do nascimento de sua primeira neta, mas também e, sobretudo, por sua fé em Deus. Ela também estimulou os alunos a refletirem sobre a existência de Deus, quando sugeria que rezassem no início das aulas, mas isso não ocorreu sempre.

Isadora disse acreditar em Deus e que conversava com Ele. Ela não rezava, preferindo interrogar o efeito de uma prece convencional, como se ela estivesse desprovida da possibilidade de diálogo com o transcendente e assumisse um caráter mais mecânico. Considerou que este diálogo a fortalecia menos do que desejava, porque se julgava “incrédula”. A contradição, para nós, se instala quando questionamos como alguém que se diz “acreditar” em Deus pode se considerar incrédula. Aludiu, ainda, que sua incredulidade se estende aos seres humanos. Levando-se em conta que a crença implica algo que nos toca incondicionalmente, realizado no íntimo de nosso ser, deduzimos que Isadora não parecia possuir, verdadeiramente, uma crença em Deus. Ela discordou da prática de rezar em sala de aula por entender que não seria o espaço indicado e que justificaria um preparo prévio que não teria como acontecer.



Espiritualidade

A espiritualidade é uma das dimensões que fazem parte do ser humano. Vivenciamos a dimensão espiritual no momento em que nos identificamos com algo. A concepção de espiritualidade por nós adotada relaciona-se ao desenvolvimento dos valores humanos, sendo considerada como uma parte fundamental e perene de sua humanização (RÖHR, 2007).

Frankl (2007) considera que o homem é ser espiritual-pessoal. Em 1948, ele defendeu a sua tese de doutorado em filosofia intitulada “O Deus Inconsciente”, onde salientou que para ser uma boa pessoa não basta ter a consciência tranquila, mas dirigir-se a alguém, sendo a consciência tranquila não o motivo da bondade, e sim uma consequência. O livro “A presença Ignorada de Deus” (2007) surgiu da tese de Doutorado, “O Deus Inconsciente”. Nesta obra comentou que existe um Deus inconsciente dentro de todas as pessoas. Mesmo aqueles que não dão o nome “Deus”, apresentam alguma crença em uma força maior.

O autor considera que o inconsciente é mais que meramente instintivo, sendo também espiritual. Há uma espécie de “fé” inconsciente e de um “inconsciente transcendental” cuja riqueza não está circunscrita à dimensão de religiosidade, mas também à dimensão intelectual ou artística, consideradas forças primárias e dinamizadoras deste mesmo inconsciente. Ou seja, há nas pessoas uma espécie de “fé” inconsciente cuja riqueza não se restringe à religiosidade, mas também contempla a dimensão intelectual ou artística, consideradas forças dinamizadoras deste mesmo inconsciente.

Refletir sobre a espiritualidade implica levar em consideração a integralidade do ser humano, sendo considerada uma parte fundamental de sua humanização. Pertencem a esta dimensão todos os princípios éticos e valores humanos, portanto, não estando, necessariamente, relacionada a grupos confessionais ou à prática de rituais. Não se confunde essa dimensão com a religiosa, que em parte pode incluí-la, mas que contém algumas características como as da revelação como intervenção direta de Deus e de um tipo de organização social que dessa forma são estranhas ou não necessárias à dimensão espiritual.

Bartolomei (2008) aponta que a expressão espiritual se dá na compaixão pelos outros, nas ações comunitárias e nos trabalhos de voluntariado social. Outros autores (PAZZOLA,



2002; RÖHR, 2007) reiteram esta posição quando consideram que a espiritualidade não está, necessariamente, atrelada à prática de rituais.

Na medida em que nos comprometemos com a dimensão espiritual, nos identificamos por inteiro, sentimos que esse se torna um apelo incondicional em e não conseguimos mais agir diferente sem nos perdermos de nós mesmos (RÖHR, 2006, 2007). Para Röhr (2002), a dimensão espiritual é considerada o ponto de partida e de chegada para compreensão mais real do homem, ou seja, somente quando se fala do espiritual é que se fala do verdadeiramente humano.

O objetivo principal da espiritualidade é a melhoria dos pensamentos, palavras e ações, afetando o comportamento dos sujeitos, que passam a ter uma noção mais clara da sua identidade e dos valores que necessitam desenvolver para a busca de uma vida melhor. Essa transformação parte do íntimo de cada um, que busca o contato maior com seus sentimentos (PAZZOLA, 2002).

Yunes (2003) considera a espiritualidade como um dos processos-chave da resiliência, encarando-a como uma rica oportunidade de crescimento e descoberta interior. A conscientização dos valores que julgamos necessários para uma vida melhor, e a busca determinada por pensamentos, palavras e atitudes, coerentes com esses valores nos fortalece ao mesmo tempo em que nos torna mais flexíveis, mais aptos para enfrentarmos as situações adversas, que, de tão rotineiras e de ocorrência tão variada, afetam tanto a nossa vida familiar como o nosso ambiente de trabalho, convívio social e nosso próprio ser interno.

Acreditamos que a dimensão espiritual *bem desenvolvida* é indispensável aos resilientes. A coerência interna entre nossos pensamentos e ações será decisiva para uma manifestação equilibrada da nossa resiliência.

Podemos afirmar que as participantes desta pesquisa compreenderam que a espiritualidade se manifestava independente das religiões, englobando ajudar o próximo⁸. Resilientes frequentemente dedicam a vida e a carreira para aliviar e prevenir o sofrimento de outros. Como mencionamos, Frankl (2007) chama esta postura de sair de si mesmo em

⁸ Laura: *Eu acho que a espiritualidade a gente vive no dia-a-dia, não é só trabalhando lá (no centro), [...] é em casa, é estender a mão para quem precisa;*

Isadora: *É você ser bom, é se doar, fazer o melhor que puder, onde tiver, é você assumir suas fraquezas. Independente de igreja, independente do pastor, é você ter essa humildade de “dobrar o joelho”, de orar, ter um foco fora desse mundo, no meu caso, em Deus.*



direção ao outro, de autotranscendência. Para ele, ser “humano” significa dirigir-se para além de si mesmo, para alguma coisa ou alguém.

De modo sucinto podemos considerar que a professora mais resiliente (Laura) foi a que demonstrou possuir um maior autoconhecimento, evidenciado através da clareza de sua identidade e ação, tendo acolhido de modo flexível as críticas advindas de situações adversas, mostrando-se disposta a mudar de acordo com as necessidades, em prol de uma melhoria de sua própria vida e de seu entorno.

Já Isadora se posicionou diferentemente. Ela mostrou maior rigor e resistência diante da vida, diante das críticas. Isadora pareceu-nos desanimada e confusa, sem um rumo que pudesse guiar a sua vida de um modo geral, sem conseguir pensar em soluções que pudessem retirá-la de um vazio existencial que nos pareceu arrasador.

O contato com sua essência, com seus valores mais íntimos, em suma, com sua espiritualidade, sem dúvida caracteriza os indivíduos mais resilientes. Apesar da dimensão espiritual existir em todos os seres humanos, ela parece mais evidenciada em pessoas dotadas de posturas mais resilientes.

Se nesta dimensão estão os princípios éticos e valores humanos, a nossa coerência interna entre os pensamentos e ações, podemos dizer que em nossa pesquisa ela se manifestou mais claramente na professora com características mais fortemente resilientes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente discute-se se a resiliência resulta de um traço de personalidade ou de um processo de interação com o meio. A tendência é compreender a resiliência como sendo dinamicamente afetada na interação do sujeito com sua história e com a adversidade com que se defronta, também reconhecida como um processo comum e presente no desenvolvimento de qualquer ser humano (BRANDÃO, 2009; POLETTO; KOLLER, 2008; ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006; INFANTE, 2005, MASTEN, 2001), ressaltando-se, ainda, a importância de tutores de resiliência (CYRULNIK, 2004).

No presente estudo analisamos especificamente a resiliência apresentada por duas professoras, revelada através das narrativas de histórias de vidas e algumas passagens na área profissional. Além de tecermos um perfil aproximado de cada uma, realizamos uma análise



das mesmas, de acordo com um dos Padrões de Resiliência sugeridos por Polk (1997), chamados de Padrões Filosóficos e Religiosos e também Espirituais.

Os resultados obtidos pareceram indicativos da condição de resiliência apresentada pelas duas participantes. Não obstante, é fundamental mencionar que o nosso estudo ocorreu em um determinado recorte de tempo, em condições específicas, não significando que as professoras sejam, necessariamente, do modo como as percebemos.

Laura, apesar de uma história de vida de extremo sofrimento, privação material e pressão emocional, superou muitas adversidades com o apoio da avó. Ainda que tenha vivido inúmeros dramas pessoais, como por exemplo: passado fome, ter sido abandonada pelo noivo, expulsa de casa, soube enfrentar as dificuldades com dignidade e coragem. Lembremos que, quando gravemente enferma, ao tomar conhecimento de que seria avó, lutou por sua vida e reagiu positivamente. A partir de então, repensou a finalidade de sua existência, descobrindo que o sentido de sua vida estava representado por suas filhas, neta e também para ajudar outras pessoas. Seu otimismo, postura pró-ativa e projetos de vida certamente a ajudaram a realizar-se, tanto material, quanto existencialmente.

Isadora também possuiu uma história de vida muito difícil. Ela se mostrou desiludida frente às muitas adversidades, tais como: privações materiais e afetivas, episódios de agressividades físicas, insatisfação profissional, dentre tantas outras coisas. Ela não mencionou ninguém significativo que pudesse auxiliá-la no enfrentamento das adversidades.

Assim como a dimensão espiritual reside em todos os seres humanos, porém, às vezes encontra-se pouco desenvolvida, “camuflada” pelas demais dimensões, acreditamos que a resiliência exista em todas as pessoas, ao menos como um potencial que nem sempre se revelará podendo ser, sobremaneira, beneficiada por um ambiente que estimule a sua manifestação efetiva.

Podemos considerar que *Laura* conseguiu mais facilmente transformar a adversidade em algo produtivo para si e para os alunos, mantendo mais frequentemente o equilíbrio frente às situações adversas, demonstrando, dentre outras coisas, bom humor, humildade e disposição para superarem as dificuldades, cultivando um ambiente mais prazeroso e relaxante.

Isadora, em contrapartida, evidenciou resistência através do desconforto e rigidez diante das situações aversivas, apresentando mais comumente irritação, impaciência e ironia.



Mostrou-se desiludida, insatisfeita e paralisada na frustração por não poder viabilizar um ensino com a qualidade que pretendia, culminando com a sua saída voluntária da atividade de sala de aula. Ela desistiu de ensinar, sem compreender que seria ela mesma, a possível agente transformadora daquela realidade, sem perceber, como diria Buber (1999), que teria que “começar consigo”.

Apesar de não termos focado a análise dos possíveis efeitos de nossa pesquisa nas professoras participantes, percebemos claramente o quanto elas pareceram afetadas interiormente pela oportunidade. Neste sentido, através das narrativas, tanto das professoras quanto nossas, algo das “feridas ainda vivas” pareceu se curar. Não estamos dizendo, com isto, que se tornaram necessariamente mais resilientes, contudo, puderam se confrontar com reflexões, às vezes dolorosas, sobre suas próprias vidas, tendo a chance de reelaborá-las e, quem sabe, enfim superá-las.

Ao término de nossa pesquisa é possível considerarmos que os Padrões de Resiliência estudados foram fortemente contemplados pela professora que demonstrou possuir mais características de resiliência.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. *Resiliência: A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, G. Índices de resiliência: análise em professores do Ensino Fundamental. In: *I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2006. Disponível em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC00000009200600100014&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 14 Feb. 2009.

BARRENECHE-CORRALES, J. *Refugiados colombianos no Brasil: interpretação de suas travessias internas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – IFCH, UNICAMP, 2008.

BARTOLOMEI, M. *A fé como fator de resiliência no tratamento do câncer: Uma análise do que pensam os profissionais da saúde sobre o papel da espiritualidade na recuperação dos pacientes*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.



BRANDÃO, J. M. *Resiliência: De que se trata? O conceito e suas imprecisões*. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

COSTA, A. C. G. *Resiliência. Pedagogia da presença*. São Paulo: Modus Faciend, 1995.

CYRULNIK, B. *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FLACH, F. *Resiliência: a arte de ser flexível*. São Paulo: Saraiva, 1991.

FRANKL, V. E. *Dar sentido a vida: A Logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

_____. *A presença ignorada de Deus*. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 10. ed. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 2. ed. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

_____. *Um sentido para a vida. Psicoterapia e Humanismo*. Tradução de V. Hugo Lampeta. 11. ed. São Paulo: Idéias e Letras, 2005.

INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S e col. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. (V. Campos, trad.). Porto Alegre: Artmed, 2005. pp. 23-38.

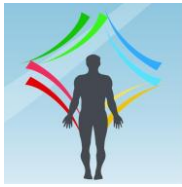
JOB, F. P. P. Resiliência na organização: Estudo de caso da medição e avaliação da resiliência de indivíduos em uma organização industrial. *Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba*. v. 5, n.1, p.33-42, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

JUNQUEIRA, M. F. P. S.; DESLANDES, S. F. Resiliência e maus-tratos à criança. *Cadernos de Saúde pública*. Rio de Janeiro. 19 (1), 227-235, 2003.

MASTEN, A. S. Ordinary magic: resilience processes in development. *American Psychologist*. Washington, 56 (3), 227-238. 2001. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/journals/amp/56/3/227.pdf>

PAZZOLA, A. *A espiritualidade como base para a resiliência*. Monografia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco e Instituto Libertas – Consultoria e Treinamento. Recife, 2002.



PEREIRA, J. *A Fé como Fenômeno Psicológico*. São Paulo: Escrituras, 2003. Coleção Ensaios Transversais, n. 22.

POLETTI, R.; DOBBS, B. *A resiliência: A arte de dar a volta por cima*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

POLETTI, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e proteção. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 2008 [versão eletrônica], 25 (3), 405-416.

POLK, L. Toward a middle-range theory of resilience. *Advanced Nursing Science*. Washington, 19, 1–13. 1997.

REZENDE, A. M. de. *Concepção Fenomenológica da Educação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

RÖHR, F. Esclarecimento e reencarnação na “educação do gênero humano” de Gotthold Ephraim Lessing - uma hipótese em torno da questão da meta da formação humana. *III Encontro de Filosofia da Educação do Norte e Nordeste – Filosofia e Formação Humana*. Centro de Educação da UFPE, 2006.

_____. Espiritualidade e Formação Humana. In: 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste. Maceió/AL. *Anais do 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste*. Maceió/AL: Qgráfica, v.1. pp. 1-15. 2007.

_____. Ética Pedagógica na Educação Espiritual - Um Estudo Comparativo. In: Encontro de Filosofia da Educação do Norte e Nordeste, 2002, Recife. *Anais do Encontro de Filosofia da Educação do Norte e Nordeste: Desafios para o Século XXI*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002. v. 1. p. 1-28.

SINPRO/ Bahia, 2006. Disponível em: www.sinpro/ba.com.br. Acesso em 20/03/2006.

TILLICH, P. *Dinâmica da Fé*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2001.

TISSERON, S. *La résilience. Que sais-je?* Dépôt legal. Paris: Press Universitaires de France, 2007.

UNESCO. *Relatório de monitoramento de educação para todos Brasil 2008: educação para todos em 2015; alcançaremos a meta?* Brasília: UNESCO, 2008.

YUNES, M. A. M. *A questão triplamente controversada da resiliência em famílias de baixa renda*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.



_____ Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, num. esp., p. 75-84, 2003.

YUNES, M. A. M.; GARCIA, N. M.; ALBUQUERQUE, B. de M.
Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. *Psicologia Reflexão e Crítica*. Porto Alegre. vol. 20, n.3, 2007.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001.